

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

Os PORTUGUESES NOS ESTADOS UNIDOS.

CARTER, Henry Hare

Ano: 1955 | Número: 65

Como citar este documento:

CARTER, Henry Hare, Os Portugueses nos Estados Unidos. *Revista de Guimarães*, 65 (1-2) Jan.-Jun. 1955, p. 192-195.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Conferência

Por amável interferência do Instituto de Alta Cultura, realizou o Professor dos E. U. da América, Director da Secção de Línguas Estrangeiras do Colorado College, Sr. Dr. Henry Hare Carter, uma notável Conferência no Salão Nobre desta Sociedade, pelas 21,30 horas do dia 13 de Maio, subordinada ao tema «Portugueses nos Estados Unidos». Presidiu o Sr. Coronel Mário Cardozo, presidente da Sociedade Martins Sarmiento, que tinha à sua direita o Sr. Dr. Valdemiro Ferreira Lopes, prestigioso Juiz da Comarca, e à esquerda o Sr. Prof. Dr. José Catanas Diogo, em representação da Câmara Municipal e do Liceu desta Cidade. O Sr. Presidente proferiu então as seguintes palavras:

Minhas Senhoras e Senhores:

Por intermédio do Instituto de Alta Cultura, foi-nos facultada pelo eminente Professor americano, do Colorado College, Sr. Dr. Henry Hare Carter, que se encontra em Portugal em viagem de estudo, realizando entre nós Conferências culturais, a honra de o recebermos hoje nesta Sociedade.

Quis S. Ex.^a anuir a desenvolver, perante o auditório desta Casa tradicionalmente consagrada à educação e à instrução populares, um tema que particularmente nos interessa a todos e tem por título PORTUGUESES NOS ESTADOS UNIDOS.

De facto, nenhum outro assunto poderia despertar maior curiosidade ao nosso espírito do que conhecer, através dos comentários expressivos e eloquentes do Sr. Prof. Carter, a opinião de um americano eminentemente culto sobre a vida e as actividades dos nossos compatriotas naquela grande e próspera nação. Ali, são sempre generosamente acolhidos os emigrantes de qualquer parte do mundo, desde que realmente demonstrem aptidão para o trabalho, seja qual for o campo de acção de cada um, material ou intelectual, na oficina ou na escola, no laboratório onde se pratica em elevado grau a investigação científica, ou na vastidão enorme da terra cuja fecundidade inigualável oferece, não sòmente aos americanos mas a todos os povos, os produtos naturais indispensáveis à vida e ao progresso da civilização humana.

É bem conhecido quanto vale e pesa na balança económica e nos meios sociais dos Estados Unidos a colaboração da numerosa e activa colónia portuguesa, ou de origem portuguesa, nesse país. Ela é respeitada e acarinhada na florescente nação de Além-Atlântico precisamente pelas suas faculdades e aptidões de trabalho. E até muitos americanos oriundos da nossa raça, em cujas veias corre sangue português, tem dado a sua vida pela glória da grande pátria americana, factos estes que muito devem contribuir sem dúvida para as excelentes relações que sempre têm existido entre Portugal e os Estados Unidos.

O Sr. Professor Carter, que vamos ter o prazer de escutar, cidadão desse portentoso país que é hoje, mediante a imposição de um invencível poderio material e moral, o fiel depositário do equilíbrio económico, da estabilidade social e da garantia de paz entre os homens de todas as nações — conhece perfeitamente a nossa terra, os nossos costumes, a nossa língua, a nossa literatura, sendo-lhe igualmente familiares os estudos respeitantes ao Brasil, a nação nossa irmã, onde na grande metrópole de S. Paulo ocupou em tempos o cargo de Adido cultural do Consulado americano.

Em 1939 esteve já em Portugal, frequentando então, como agora, a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, e realizando importantes investigações literárias nas nossas bibliotecas públicas, entre as quais a preciosa Biblioteca da Ajuda.

Professor de Filologia românica e erudito medievista, é também um sábio e experiente linguista exercendo actualmente a Direcção do sector de línguas estrangeiras do Colorado College.

Entre a vasta obra bibliográfica de que é consagrado autor, cumpre destacar alguns dos seus trabalhos que mais directamente interessam aos estudiosos portugueses, como sejam as edições paleográficas de parte de um Códice Alcobaçense e da Regra de S. Bernardo, a edição diplomática do Cancioneiro da Ajuda, diversos estudos literários luso-brasileiros, e um dicionário «Latin Old Portuguese Verb Dictionary», obra de consulta preciosa para todos os investigadores da nossa diplomática medieval.

Não devo, meus Senhores, prolongar por mais tempo tão modestas referências à bem destacada personalidade do Sr. Prof. Henry Carter visto que é sempre um tanto desagradável, para quem tem o seu nome feito e suficientemente conhecido, ouvir a seu respeito palavras de apresentação supérfluas, e até por vezes banais, dirigidas a um auditório seleccionado que, pela sua cultura, não precisa que lhe apresentem quem de há muito bem conhece.

Tenho a honra de conceder a palavra ao Sr. Prof. Carter.

Seguidamente o ilustre Conferencista desenvolveu o tema da sua magistral Lição, que nos permitimos transcrever de «O Primeiro de Janeiro», em

notícia de Lisboa, onde a mesma Conferência foi repetida na Sociedade de Geografia:

«O prof. sr. Henry Carter, que se encontra em Portugal em missão do Departamento de Estado Americano com o patrocínio do nosso Instituto de Alta Cultura, e se dedica há anos ao ensino do português em universidades norte-americanas, começou por fazer um esboço da história da imigração portuguesa, dizendo que recentes descobertas tendem a provar que a nossa língua já era falada num recanto do território que actualmente constitui os Estados Unidos da América, nos princípios do século xvi.

Os primeiros imigrantes portugueses nos Estados Unidos saíram dos Açores ocidentais. No último quarto do século xix, imigrantes dos Açores orientais começaram a afluir à nova Inglaterra. Foi só por volta de 1900 que se começou a sentir a imigração proveniente do Portugal metropolitano. A Califórnia veio a tornar-se a segunda zona de colonização portuguesa de maior importância.

Declarou que, com base nas estatísticas oficiais, se pôde calcular que em 1930 havia no continente dos Estados Unidos cerca de 350.000 pessoas nascidas em Portugal ou com um ascendente português. Este número subiu desde então para cá, e provavelmente, já ultrapassou a cifra dos 40.0000.

Actualmente, os pescadores de origem portuguesa nos Estados Unidos não chegam a 10.000, e encontram-se em Massachusetts e na baía de San Diego, na Califórnia. Quanto aos nossos lavradores encontram-se, na sua maioria, na Califórnia central.

Os açoreanos ganharam fama pela sua extraordinária habilidade na agricultura, e, em certas regiões, existe um ditado yankee que diz: «Se queres ver uma batata crescer, fala-lhe em português».

Os níveis morais dos portugueses tem-se mantido elevados e firmes. As estatísticas revelam que o índice de criminalidade entre os primeiros imigrantes como também entre os da segunda geração, é muito baixo em comparação com os dos outros grupos nacionais nos Estados Unidos.

Os portugueses sentiram desde muito cedo a ânsia de se organizarem, com o fim de conservarem a sua herança cultural.

Além das sociedades de assistência mútua, clubes e igrejas, tem-se fundado um grande número de jornais de língua portuguesa.

Todas essas organizações têm tido uma influência importante nas condições da língua falada, e fazem um esforço a fim de assegurar a continuidade da bela língua portuguesa, sem dúvida — como o Conferencista afirmou — a mais delicada de todas as línguas românicas.

O sr. prof. Carter declarou, depois, que o conflito de línguas com que defrontam os imigrantes, é um problema que afecta profundamente a sua personalidade. Os próprios hábitos de comunicação ficam alterados. Os portugueses, par-

ticularmente nos centros industriais da Nova Inglaterra, viram-se na necessidade de fazer concessões iniciais ao inglês.

Praticamente todos os descendentes dos portugueses na América do Norte frequentam escolas americanas, e mesmo quando os membros da família nascidos fora da América continuam a falar o português, esta língua torna-se secundária. Em geral os adolescentes limitam o uso do português às conversas em casa, com os pais.

Os jornais, as igrejas, as várias categorias de escolas, os clubes e as sociedades, com as suas actividades, bem como os filmes e os programas radiofónicos, conseguem, sem dúvida, retardar a extinção gradual da língua portuguesa nos Estados Unidos, mas é, porém, necessário que o Governo Português se interesse mais, dê um mais eficiente apoio à manutenção e desenvolvimento do portuguesismo na América.

A terminar, o Conferencista rematou:

Mas, e com a minha opinião vários cônsules concordam, há que fazer mais para evitar o desaparecimento gradual do português nos Estados Unidos, promovendo a ida de professores e estudantes portugueses às diversas colónias espalhadas pelo território dos Estados Unidos, a fim de, com as suas conferências e palestras sobre Portugal, despertarem o amor pelas coisas portuguesas, evitando assim que, dentro de duas ou três gerações, o português desapareça por completo de entre os luso-americanos.»